

CEDI - P. I. B.
DATA 24/05/36
COD BCD59

MINISTÉRIO DO INTERIOR

SITUAÇÃO ATUAL DOS ÍNDIOS DO TERRITÓRIO  
FEDERAL DE RORÁIMA

No Território de Roráima habitam diversos grupos indígenas, em vários estágios de cultura - de isolados a integridades ou mais propriamente marginalizados:

Os grupos predominantes são de língua Karib - Aruak e Yanonami ou Xiriana. - Somam um pouco mais de 7.000. Segundo Migliazza os Karib somam 3.800, os Yanonami 2.130 e os Aruak 1.200. (1).

Entre os rios Surumú e Maú, região de fronteira com a Guiana Inglesa, existem atualmente cerca de 118 localizações de aldeias dos Karib e Aruak: - Makuxi - Taulipang - Ingarikó - Mayongong (Iekuana) entre os Karib, Wapixána - Atroari entre os Aruak, e os Yanonami (Xiriana) com diversos grupos e denominações como Waiká, etc.

Os missionários da Prelazia de Roráima, iniciam, segundo tudo indica, um trabalho objetivo, realístico, junto a alguns desses grupos.

O ex-SPI, pouco ou nada conseguiu de positivo nem mesmo consolidar os rebanhos da antiga Fazenda Nacional da São Marcos. Com sede do Posto há um prédio de construção sólida e ampla, cobre uma área de 700 m<sup>2</sup>., com diversas salas que seriam destinadas a enfermaria, farmácia, escola, serviços de rádio comunicações, etc. Não chegou a funcionar senão parcialmente.

O Sanatório General Rondon também na área da Fazenda São Marcos, não funcionou como devia por falta de aparelhamento e pessoal especializado.

Acima da Ilha de Maracá, (Rio Uraricoera) fronteira com a Venezuela, há alguns anos, funcionam, junto aos índios da região, missionários norte americanos, com campos de pouso para operar pequenos aviões. É, como todos sabem, uma região rica em minérios.

(continua)

MINISTÉRIO DO INTERIOR

Os resultados práticos dessa missão junto aos índios não se conhece, embora conheçamos as suas impertinências, e a fiscalização "sui-generis" em seus domínios, não permitindo nem a visita de pesquisadores brasileiros credenciados pelo M.N.Pq. São geralmente apontados como pseudos-missionários, empregando seu tempo em pesquisas e contrabando de minérios.

em trabalho mais ou menos recente - 1966 -  
Edson Soares Diniz, bolsista do CNPQ. (Museu Paraense Emílio -  
Goeldi) (2) informa:

"A situação econômica dos Makuxi é penosa, excesso para venda, sacrificam a subsistência e levam um nível de vida baixíssimo. - Dos seus produtos agrícolas, a farinha de mandioca é a mais vendida, embora a venda-gem desse gênero não permita dele tirar o seu sustento."...

"... A garimpagem diamantífera é igualmente feita para o intercâmbio comercial. Podem engajar-se a uma Empresa, as quais utilizam escavadores na procura de diamantes. É mais comum, porém, garimpagem individualmente ou em associação com um ou mais companheiros.

O serviço neste caso, é feito pela técnica do "mergulho" em pequenas profundidades. - Usam peneiras ou bateias de arame, em número de três e cada qual de uma espessura específica, é o "terno", como dizem na área. Os meses de estiagem são os adequados para a cata diamantífera, sempre feitas em cachoeiras.

Os pequenos achados, quase sempre, apenas dão para indenizar as dívidas já contraídas. Os credores são fazendeiros, que, via de regra, têm comércio, legalizado ou não.

(continua)

Os "marreteiros" também procuram adquirir os diamantes dos indígenas que, devido ao seu desconhecimento dos preços correntes e da pouca experiência comercial, sempre são ludibriados..."

".... Atualmente é raro encontrar um rapaz - que não passe uma temporada como garimpeiro-improvisado.

Assim, a garimpagem e a venda de sua força de trabalho são os meios de compensar a sua tradicional economia de subsistência e de ex- cambio, grandemente afetada pelas novas condi- ções enfrentadas pelo grupo tribal.

A dependência de produtos manufaturados, ta- is como machados, facões, enxadas, ferros de cavar, tecidos, etc. é total e constitui um forte elo para a dedicação dos Makuxi ao tra- balho assalariado e à garimpagem incipiente.

Esta pode ser feita no planado, isto é, em - terra, como acontece em Santa Helena (Venezu- ela) para onde alguns se dirigem. Também vão trabalhar na Guyana Inglesa, em atividades - braçais. Lá, em princípios de 1964, ganhavam dois dolares por dia, o equivalente a Cr\$ - 850, por unidade de dinheiro dessa possessão britânica, no cambio de então..."

No Território de Roraima, na mesma época:

"... Os brancos controlam o preço por força- de trabalho dos "cabocos", o qual por isso - mesmo é desvalorizado.

No período de fevereiro e abril de 1964, fo- ram encontradas diárias que variavam entre - Cr\$ 300,00 a Cr\$ 500,00, sendo a comida for- necida pelo patrão.

Essas quantias se tornam mais irrisórias se cotejarmos com os altos preços dos produtos- manufaturados.

A título de exemplo, citam-se aqui, os preços de algumas utilidades, de imediata necessidade, de acordo com a lista fornecida por um comerciante de "Vila" Surumú, no mês de Fevereiro de 1964. - Açúcar Cr\$ 300, o quilo; sal 250 o quilo; fósforos Cr\$ 150 o maço de 10 caixas-sabão - Cr\$ 350,00 a barra; querosene Cr\$ 400,00, o litro. - Esse controle do custo da força de trabalho dos "cabocos", pelos regionais, fica mais evidenciado pelo fato de serem os Malixi (e os Waptixana) que executam a quase totalidade dos trabalhos braçais da zona dos campos e, provavelmente não é desapercobida sua participação, de tal natureza de serviços, nas serras e na capital do Território.

Esses dois grupos tribais constituem os braços em disponibilidade da área e são os que sofrem no momento, o impacto interétnico com maior impositividade..."

"Um fato que desperta imediatamente a atenção de qualquer observador é a exploração desumana do trabalho das crianças, rapazes e moças "Malixi", pela maioria dos habitantes do Território.

Qualquer trabalho pesado é feito pelos pobres-índios, sem nenhuma remuneração ou assistência (1969) - Araújo Cavalcanti."

Finalisa Edson Diniz:

"Como é patente, a apropriação das terras indígenas além de ocasionar o deslocamento progressivo de seu tradicional "habitat", origina vários traumatismos no grupo tribal, advindo disso várias consequências..."

"Para justificar os seus atos, os fazendeiros-racionalizam que os "cabocos" são um obstáculo à expansão pastoril. E, ainda mais, defendem a

transferência dos indígenas para Oeste do Território onde, alegam, háver mais caça e maior possibilidade de dedicação à agricultura. Nesse jogo de interesses como é óbvio, a sociedade menor sempre sai perdendo e, além disso seus membros são açoitados pelos meios policiais. TENDO OS FAZENDEIROS O MANEJO POLICIAL, AS PRISÕES E AMEAÇAS DE CASTIGOS, TALS COMO O "BÓLO" DE APLIMATÓRIA E O "CARIMBO" OU SEJA A MARCAÇÃO A FERRO EM BRASA, SÃO USUAIS..."

Aí está a situação dos índios do Território de Roraima, os já - integrados (?). - Os demais, tão logo cheguem em seu Território - as frentes pioneiras, seja de exploração agro-pastoril, seja de exploração de garimpos, terão o mesmo melancólico fim. As pesquisas de Edson Diniz e E. Migliazza, ambos do Museu Erilic Goeldi, são recentes - 1964 e 1967.

Como nas demais áreas do Território Nacional, onde ainda sobrevêm grupos indígenas, nos parece que é este o momento de tomarmos uma posição corajosa, para um planejamento equilibrado, sem improvisação, para que possamos executar uma política de integração com continuidade administrativa, sem levar o índio à situação vexatória de - escravo da gléba-

MINISTÉRIO DO INTERIOR

Já planejamos para o Território de Roraima o Parque Indígena do Parima na Ilha de Maracá (Rio Uraricoera), as Colônias Indígenas de Fronteira a serem localizadas - a) nas cabeceiras dos rios Panari, Ailan e Maú na fronteira com a Guiana-Inglesa - b) nas cabeceiras dos rios Catrimani, Lobo d'Almada e Mapuláu, aproximadamente dentro das seguintes coordenadas: Lat. - 2º 15' 53". - Long. 63º 9' 31".

Posteriormente serão criadas mais duas Colônias de Fronteira, uma nas cabeceiras dos rios Mucajaí e Parima e outra nas cabeceiras do rio Anaris, região limítrofe com a Venezuela.

Temos finalmente o atual Pôsto de São Marcos, - sede da Ajudância do mesmo nome e que será subordinada à 1ª Delegacia Regional com sede em Manaus. - Essa Ajudância supervisionará as Colônias Indígenas de Fronteira e a Colônia Indígena - Agropastoril de São Marcos que substituirá o Pôsto de São Marcos e a Fazenda do mesmo nome.

O Pôsto de São Marcos e a Fazenda São Marcos - incluindo-se os seus cinco Retiros serão substituídos pela Colônia Indígena Agropastoril de São Marcos que terá a mesma área da Fazenda de São Marcos. Primitivamente (1921) a Fazenda de São Marcos ocupava 60 léguas quadradas, pilhagens sucessivas reduziram-na a 15 léguas quadradas. As 45 léguas pilhadas foram transformadas em várias Fazendas de criação e, indubitavelmente, para elas "transferiram", também, grande parte do gado de São Marcos.

Essas 15 léguas devem ser demarcadas com urgência. - Os seus limites são na maioria limites naturais, rios navegáveis, a única dificuldade está no limite norte - uma linha seca. - Ao sul é a confluência dos rios Branco e Tacutú, a leste os rios, Tacutú e Surumú, a oeste - rios Branco e Parima. -

Além da sede, a antiga Fazenda de São Marcos conta com os seguintes Retiros para o seu criatório - Xiriri, - Peiú, Milho, Páu Rainha e Chiquiba.

(continua)

A Colônia Indígena Agropastoril de São Marcos além da sede da Ajudância será base de abastecimento às Colônias Indígenas de Fronteira e Parque do Parima, funcionando em sistema de Cooperativa Mista, podendo servir de Posto de Remonta em convênio com o Ministério da Agricultura, selecionando reprodutores não só para a Colônia como também para os fazendeiros vizinhos.-

De um memorial datado de 31/4/51, a nós encaminhado, pelo engenheiro agrônomo Dorval de Magalhães, quando dirigimos o S.P.I. transcrevemos os seguintes trechos:

"Cumpre dotar o Posto de São Marcos de um trator - Cartepillar TD 14 ou equivalente em HP, cuja principal finalidade será efetuar o destocamento nas matas, sem o que tôdas as demais práticas mecânicas serão prejudicadas".

"Na qualidade de agrônomo e conhecedor da região - creio estar a altura de afirmar a V. S<sup>a</sup>., que sem a referida máquina é praticamente impossível desenvolver-se economicamente São Marcos de acordo com as necessidades prementes do S.P.I. nesta região".

"Com a prática de destocamento pode-se substituir a pastagem nativa de fraco valor nutritivo pela - plantação de espécies forrageiras mais indicadas à alimentação do gado, utilizando-se as terras de matas, conforme ficou dito acima, prática aconselhável pelos técnicos e que, estudando o assunto, são acordos em afirmarem a quasi total esterilidade dos solos nos campos gerais riobranquenses, nos quais qualquer cultura sem prévia adubação, química ou orgânica, está fadada ao mais completo fracasso, o que a prática tem demonstrado.

Ademais cabe referir que êsses corretivos somente poderão ser levados ao solo depois de pesadas despesas, em virtude do alto preço dos fretes da região, onde, aliás, não existem adubos expostos à venda, precisando por isso serem importados.

Explica-se a necessidade de pastagem artificial neste território porque os solos vão se tornando cada vez mais esterilizados pela ação destruidora do fogo, que embora proibido, continua causando seríssimos prejuízos, visto como é assaz difícil denunciar os transgressores respectivos, dada a vastidão dessas áreas.

Daí ser aconselhável o abandono do método de criação extensivo, único até agora empregado no Rio Branco, para passar-se ao semi-intensivo:

Além da iniciativa acima descrita, outros trabalhos precisam ser planejados e executados em São Marcos. Eis algumas dêles:

a) seleção do gado - bovino, equino, suíno, ovino, etc., b) aquisição de reprodutores; c) construção de cercas, currais, etc., d) idem de casa residências para índios e empregados; e) idem do prédio para instalação definitiva do Sanatório General Rondon; f) idem de pontes, pontilhões, pocilgas, câmaras de fermentação e expurgo, além das obras de acabamento do prédio sede e banheiro carrapatecida".

Como se verifica, essas necessidades "prementes" eram pedidas em um memorial datado de 31 de Abril de 1951. Daí para cá nada foi feito, o pouco que existia deve estar transformado em sucata. A Colônia, ou melhor, a Ajudância, terá que dispor de meios de locomoção, lanchas, canoas, Jeeps, motores de pôpa, etc.:

Sugeria que fôsse determinado à Chefia da 1ª Inspeção Regional que, durante uns 5 anos, a receita de todo o gado vendido (bois e vacas imprestáveis para reprodução) da Fazenda de São Marcos será empregada na aquisição de reprodutores, novilhas raceadas, equinos, suínos, caprinos, bem como arame farpado, medicamentos veterinários, etc.,. - É este, segundo creio, o único meio de atendermos êsse criatório - renovando-o para a técnica semi-intensiva melhorando, também a alimentação do índios valorizando o criatório e assim o Patrimônio.

Para que se tenha uma idéia de como não se deve administrar uma Fazenda fiz um quadro comparativo do gado vacum da Fazenda de São Marcos do ano de 1943 e 1968.



MINISTÉRIO DO INTERIOR

**PÔSTO DE SÃO MARCOS**  
**SITUAÇÃO DO GADO VACUM**

SÉDE E RETIROS	1943	1968	EM 25 ANOS	
			A MENOS	A MAIS
SÃO MARCOS	577	383	194	
XIRIRI	1.576	1.177	399	
TEIÚ	769	541	288	
MILHO	744	295	499	
PÁU RAINHA	351	503		152
CHIQUIBA	627	447	225	
<b>TOTAL</b>	<b>4.689</b>	<b>3.346</b>	<b>1.495</b>	<b>125</b>

**OBSERVAÇÃO**

Em 25 anos o criatório de São Marcos teve uma redução de 1.343 cabeças. Um confronto com a venda de bois e vacas impróprias para reprodução - demonstra o desvio criminoso do gado.

Dos Retiros o mais prejudicado foi o Milho (744/295) e o único que teve aumento mesmo irrisório, para 25 anos, foi - Páu - Rainha - 351/503.

Em 11 de Novembro de 1968.

*Alcides*